



Ministério da Fazenda  
Segundo Conselho de Contribuintes

2º CC-MF  
Fl.

Processo nº : 10280.003705/00-15  
Recurso nº : 116.302  
Acórdão nº : 201-79.030

MF-Segundo Conselho de Contribuintes  
Publicado no Diário Oficial da União  
de 15 / 02 / 02  
Rubrica

Recorrente : PEDRO CARNEIRO S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
Recorrida : DRJ em Belém - PA

#### COFINS. TAXA SELIC. INCONSTITUCIONALIDADE.

Os órgãos de julgamento administrativo não têm competência para negar vigência à lei sob a mera alegação de sua inconstitucionalidade. A taxa Selic, prevista na Lei nº 9.065/95, art. 13, por conformada com os termos do artigo 161 do CTN, é adequadamente aplicável.

**Recurso negado.**

Vistos, relatados e discutidos os presentes autos de recurso interposto por PEDRO CARNEIRO S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO.

ACORDAM os Membros da Primeira Câmara do Segundo Conselho de Contribuintes, por unanimidade de votos, em negar provimento ao recurso.

Sala das Sessões, em 26 de janeiro de 2006.

*Josefa Maria Coelho Marques*  
Josefa Maria Coelho Marques  
Presidente

*MTS*  
Maurício Taveira e Silva  
Relator

MIN. DA FAZENDA - 2º CC  
CONFERE COM O ORIGINAL  
Brasília, 20 / 03 / 06  
*z*  
U 1675

Participaram, ainda, do presente julgamento os Conselheiros Walber José da Silva, Antonio Mario de Abreu Pinto, Sérgio Gomes Velloso, José Antonio Francisco, Gustavo Vieira de Melo Monteiro e Rogério Gustavo Dreyer.



Ministério da Fazenda  
Segundo Conselho de Contribuintes

Processo nº : 10280.003705/00-15  
Recurso nº : 116.302  
Acórdão nº : 201-79.030

MIN. DA FAZENDA - 2º CC	
CONFERE COM O ORIGINAL	
Brasília, 20 / 03 / 04	
VISTO	<i>[Assinatura]</i>

2º CC-MF  
FL

Recorrente : PEDRO CARNEIRO S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

## RELATÓRIO

Trata-se de auto de infração por falta de recolhimento da Cofins (fls. 5/7), referente aos fatos geradores de janeiro/1994 a outubro/1995, no valor total de R\$ 385.366,58, à época do lançamento, cuja ciência ocorreu em 30/08/2000.

A contribuinte apresentou impugnação (fls. 25/36) somente quanto ao período de 1994, pois, em relação ao lançamento referente a 1995, o débito foi transferido para o Processo nº 10280.003931/00-14, sendo objeto de parcelamento (fls. 18/24). Em sua contestação alega decadência quinquenal e inconstitucionalidade da taxa Selic.

A DRJ, às fls. 50/52, manteve o lançamento, "... rejeitando a preliminar de decadência e deixando de apreciar a argüição de inconstitucionalidade ..."

Tempestivamente a contribuinte interpôs recurso de fls. 55/73, apresentando as mesmas alegações de fato e de direito.

Na sessão plenária de 12/11/2001, através do Acórdão nº 201-75.510, a Primeira Câmara deste Segundo Conselho de Contribuintes, por maioria, deu provimento ao recurso, entendendo ser o prazo decadencial de cinco anos (fls. 97/110).

A Procuradoria da Fazenda Nacional recorreu entendendo que a decisão foi contrária à Lei nº 8.212/91, art. 45 (fls. 112/117).

A contribuinte, cientificada do recebimento do Recurso Especial, apresentou as contra-razões (fls. 124/136), alegando: a) o descabimento do Recurso Especial, por inexistência de contrariedade à lei, posto que compete somente às leis complementares dispor sobre prescrição e decadência; e b) inconstitucionalidade da taxa Selic.

Através do Acórdão CSRF/02-01.738, a Câmara Superior de Recursos Fiscais, entendendo que o prazo decadencial para constituição do crédito tributário da Cofins é de dez anos, deu provimento ao recurso especial interposto pela PFN e determinou o retorno dos autos à Câmara recorrida para apreciar o mérito da exigência fiscal.

É o relatório.

*[Assinatura]* *[Assinatura]*



Ministério da Fazenda  
Segundo Conselho de Contribuintes

Processo nº : 10280.003705/00-15  
Recurso nº : 116.302  
Acórdão nº : 201-79.030

MIN. DA FAZENDA - 2º CC	
CONFERE COM O ORIGINAL	
Brasília.	20 / 03 / 06
VISTO	

2º CC-MF  
FL

VOTO DO CONSELHEIRO-RELATOR  
MAURÍCIO TAVEIRA E SILVA

Uma vez que a CSRF decidiu pela inocorrência da caducidade do prazo para constituir o crédito tributário, os autos retornam a esta Câmara para apreciação do mérito, o qual cinge-se às alegações de inaplicabilidade, decorrente de constitucionalidade, da taxa Selic para embasar a cobrança de juros, sendo estes referentes à autuação do período de 1994, pois, conforme relatado anteriormente, em relação ao lançamento referente a 1995, o débito foi transferido para o Processo nº 10280.003931/00-14, sendo objeto de parcelamento.

Relativamente aos juros de mora, os órgãos de julgamento administrativo não podem negar vigência à lei com base em alegações de constitucionalidade, pois a norma jurídica emanada do órgão legiferante competente goza de presunção de constitucionalidade que só pode ser elidida pelo Poder Judiciário, no exercício da competência exclusiva que lhe foi conferida pela Constituição Federal (arts. 97 e 102 da CF/88).

A Lei nº 8.981, de 23/01/1995, estabeleceu, no seu art. 84, I, que os juros de mora seriam equivalentes à taxa média mensal de captação do Tesouro Nacional, relativa à Dívida Mobiliária Federal interna. A MP nº 947, de 23/03/1995, em seus arts. 13 e 14, alterou o disposto para juros de mora, estabelecendo que os mesmos seriam equivalentes à taxa referencial do Sistema Especial de Liquidação e Custódia (Selic), com aplicação a partir de 01/04/1995. A MP nº 972, de 22/04/1995, convalidou a Medida Provisória anterior e, finalmente, a Lei nº 9.065, de 21/06/1995, no seu art. 13, reafirmou o art. 13 das duas Medidas Provisórias retro-mencionadas. Por último, os juros Selic foram ratificados pela Lei nº 9.430, de 27 de dezembro de 1996, art. 61.

Como se verifica, a adoção da taxa de referência Selic como medida de percentual de juros de mora sobre tributos não pagos nos prazos legais se fez via lei ordinária já reportada, conforme faculta a Lei nº 5.172, de 1966, art. 161, § 1º. Portanto, não é ilegal a sua cobrança e não existe até a presente data decisão proferida no âmbito do Supremo Tribunal Federal declarando a constitucionalidade da lei que rege a utilização da referida taxa como juros de mora exigíveis dos débitos de qualquer natureza para com a Fazenda Nacional.

Ademais, é defeso a este Colegiado apreciar constitucionalidade, à luz do disposto do art. 22A do Regimento Interno dos Conselhos de Contribuintes, *verbis*:

*"Art. 22A. No julgamento de recurso voluntário, de ofício ou especial, fica vedado aos Conselhos de Contribuintes afastar a aplicação, em virtude de inconstitucionalidade, de tratado, acordo internacional, lei ou ato normativo em vigor.*

*Parágrafo único. O disposto neste artigo não se aplica aos casos de tratado, acordo internacional, lei ou ato normativo:*

*I - que já tenha sido declarado inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal, em ação direta, após a publicação da decisão, ou pela via incidental, após a publicação da resolução do Senado Federal que suspender a execução do ato;*

*II - objeto de decisão proferida em caso concreto cuja extensão dos efeitos jurídicos tenha sido autorizada pelo Presidente da República;*

*III - que embasem a exigência do crédito tributário:*

*[Assinatura]*



Ministério da Fazenda  
Segundo Conselho de Contribuintes

Processo nº : 10280.003705/00-15  
Recurso nº : 116.302  
Acórdão nº : 201-79.030

MIN. DA FAZENDA - 2º CC	
CONFERE COM O ORIGINAL	
Brasília, 20 / 03 / 06	
VISTO	d

2º CC-MF  
Fl.

- a) cuja constituição tenha sido dispensada por ato do Secretário da Receita Federal; ou  
b) objeto de determinação, pelo Procurador-Geral da Fazenda Nacional, de desistência de ação de execução fiscal."

Assim sendo, uma vez positivada a norma, é dever da autoridade fiscal aplicá-la, posto que o lançamento é uma atividade vinculada.

Isto posto, nego provimento ao recurso voluntário.

Sala das Sessões, em 26 de janeiro de 2006.

MAURÍCIO TAVEIRA E SILVA

*[Assinatura]*